

RESENHA

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (org). **Educação Libertária no Brasil** - Acervo João Penteadó: Inventário de Fontes. São Paulo: FAP-Unifesp; Edusp, 2013.

Rodrigo Rosa da Silva
Doutor em Educação e Professor da Faculdade de Educação/USP
rodrigo.rosa.silva@usp.br

Educação Libertária no Brasil é uma obra que, ao longo de suas 384 páginas, apresenta múltiplas possibilidades de usos e leituras. Trata-se, como o subtítulo afirma, de um “inventário de fontes” do Acervo João Penteadó que encontra-se reunido no Centro de Memória da Educação (CME) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Um inventário é resultado de um longo processo de organização, pesquisa, identificação, conservação e catalogação de documentos de toda e qualquer ordem. É um trabalho de enorme importância e complexidade que na maioria das vezes vem à público como uma lista descritiva de centenas ou milhares de documentos, fria e árida. Tais inventários são de difícil leitura, aparentemente voltados para os poucos interessados no assunto e corajosos que decidem mergulhar de fato em fontes primárias e arquivos para realização de pesquisas inéditas e com aprofundamento histórico-documental. A publicação que temos em mãos vai muito além, pois contém elementos analíticos e imagéticos que dão um novo sentido para o arquivo e reiventam a lógica de um simples inventário.

A obra é composta por três partes. A primeira apresenta sete capítulos, denominados “Roteiro de Leituras/Itinerário de Pesquisas”, que tratam de temas centrais nas propostas libertárias de educação como a coeducação de sexos, a relação com o mundo do trabalho, a educação integral, o ensino profissional, os usos do cinema para fins educativos e o papel dos livros na pedagogia libertária. Ao longo dos artigos conhecemos cada vez melhor a vida, obra e pensamento de João Penteadó, suas concepções e práticas pedagógicas, sua luta social e produção literária. A leitura revela que são resultados de investigações e conclusões preliminares de pesquisas mais densas, hoje já concluídas, pelos membros do Grupo de Pesquisa João Penteadó, delineando estimulantes amostras de caminhos que o inédito material de Penteadó sugere.

Na segunda parte encontra-se propriamente o inventário do Acervo João Penteadó, dividido em: Arquivo Pessoal, Arquivo Institucional, Doações, Peças da Escola Saldanha Marinho, Acervo Bibliográfico e Acervo Audiovisual. Nela encontramos boas descrições dos materiais, didaticamente organizados por escola/período em *fundos fechados*, subdivididos em

classes, séries e tipos de documentos.

Por fim, na terceira parte do livro (Anexos), há belíssimas fotos que retratam momentos escolares, a presença de pessoas e o cotidiano da região operária paulista onde João Penteadó atuou boa parte de sua vida. As imagens selecionadas dão corpo e vida aos estudos acadêmicos presentes na obra. Podemos ler também uma interessante entrevista com Marli Alfarano, sobrinha-neta de João Penteadó, e seu esposo Álvaro Alfarano, ex-alunos, ex-professores e diretores da Escola Saldanha Marinho até o seu fechamento em 2002. São eles os herdeiros e doadores ao CME dos 37.610 documentos institucionais, 4.800 fotos, 300 jornais de alunos, 200 manuscritos, 167 peças museológicas e 751 documentos pessoais que constituem o Arquivo João Penteadó. Assim como os anexos, o *Prefácio* de Antonio Arnoni Prado e as necessárias *Notas Introdutórias* pelo Grupo de Pesquisas João Penteadó, são páginas que incrementam ainda mais este ousado e necessário inventário-estudo sobre o legado intelectual daquele, que na nossa opinião, foi um dos grandes nomes da educação brasileira e figura no rol dos mais importantes militantes anarquistas.

A presente obra é resultado de um esforço coletivo e interdisciplinar que contou com o trabalho de técnicos, docentes e pesquisadores. O arquivo apresentado abarca um longo período (1912-1960) e é constituído por materiais das escolas dirigidas por João Penteadó (Escola Moderna, Escola Nova, Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho), como registros escolares, livros de presença, diários de classe, provas e exames, filmes, fotos de alunos e alunas, etc. que abrem um grande campo de pesquisa relativo às continuidades e rupturas de um projeto educativo – da escola libertária e racionalista à escola de comércio. Prova de que para Penteadó toda sua atuação pedagógica era parte de um mesmo projeto de educação é a presença de diversos documentos inventariados durante todo o período de existência da escola em que consta a inscrição “Fundada em 1912”. Detalhe que remonta, inequivocadamente, à data de abertura da Escola Moderna Nº 1 no dia 13 de maio de 1912, de orientação anarquista e inspirada nas propostas pedagógicas de Francisco Ferrer y Guardia.

Do período de funcionamento da Escola Moderna (1912-1919), explicitamente vinculado ao movimento operário e anarquista paulista, há algumas preciosidades de inigualável valor histórico e sem correspondentes em outras partes do mundo como um armário de madeira maciça com a inscrição “Escola Moderna Nº 1” entalhada na parte superior. A “cereja do bolo”, pelo menos para nós pesquisadores e interessados na educação anarquista, é o *corpus* documental referente à Escola Moderna e os documentos pessoais de João Penteadó – cartas, manuscritos e parte de sua biblioteca pessoal – catalogados e

analisados pelos diferentes artigos com merecido destaque. Também é de suma importância a vasta coleção de materiais de laboratório da Escola Saldanha Marinho que pode apoiar pesquisas futuras referentes ao ensino de ciências (química, física e biologia) numa perspectiva experimental, prática e libertária. No inventário cada registro acompanha detalhadas descrições e fotos. Tais peças encontram-se na categoria “Acervo Museológico” que contém animais taxidermados, instrumentos de vidro, ferramentas, equipamentos elétricos, peças indígenas, modelos de órgãos do corpo e um esqueleto humano. Também encontram-se os rolos de filmes, quadros, móveis e estandartes, caracterizando-se uma grande coleção de cultura material da escola que dá subsídios para a instalação de uma exposição permanente ou até mesmo um museu pedagógico temático.

Outra “pérola” evidenciada no inventário é a grande série numérica do jornal *O Início*, órgão de imprensa dos alunos da Escola Moderna, que mesmo após seu fechamento teve uma longa existência (pelo menos até 1958). Outras publicações de estudantes e do grêmio da escola estão depositadas no CME: *O Ensaio* (1930); *O Íris* (1931) e *O Independente* (1946). Há também exemplares do *Boletim da Escola Moderna* e publicação similar da Academia Saldanha Marinho. Através dos periódicos é possível apreender um pouco das práticas escolares, do ambiente, das leituras, mas, principalmente, uma característica forte muito presente nas escolas dirigidas por Penteadó: a intensa produção pedagógica com grande participação dos alunos, ou seja, uma verdadeira pedagogia ativa.

O presente livro é uma grande contribuição para o resgate da memória, a preservação de importante patrimônio histórico-educativo e a difusão de um rico acervo bibliográfico, documental e de cultura material para pesquisas futuras sobre a educação libertária e técnica em São Paulo. Configura-se também como mais uma amostra do potencial das ideias do catalão Francisco Ferrer y Guardia, fundador da Escola Moderna de Barcelona, cujos métodos influenciaram centenas de projetos educativos em várias partes do mundo, incluindo-se nesse grupo o do próprio João Penteadó.

Uma leitura mais atenta nos permite levantar algumas questões quanto aos aspectos histórico-políticos da constituição de acervos militantes e da sua importância para a história da educação no Brasil e para a pesquisa sobre o anarquismo e as lutas operárias. Primeiramente, destacamos que o fato de João Penteadó ter sido um militante anarquista,

mantendo suas convicções até o fim da vida, tem uma importância central na constituição do acervo e talvez por isso desperte o interesse de muitos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. A constante busca por “inovações pedagógicas” leva professores e estudantes, inevitavelmente, a travar contato com as propostas anarquistas em educação colocadas em marcha há quase 150 anos e que seguem sendo atuais e verdadeiramente inovadoras. Reside aí um dos aspectos positivos do livro: compreender que, mesmo vítima de repressão policial e sob restrições administrativas, a prática de Penteado seguiu sendo considerada libertária. Os autores não mitigam os momentos de flagrante contradição ou dificuldades de se implementar uma orientação inovadora nos cursos de uma instituição “fiscalizada pelo governo”, como foi a Escola Saldanha Marinho a partir da década de 1920. Os estudos sobre o uso do cinema ou mesmo relativos à implantação da coeducação de sexos atestam a árdua tarefa de decifrar as práticas escolares, relacionando-as com as teorias pedagógicas defendidas pelo diretor-fundador da Escola Moderna. Desafio encarado com generosidade e sucesso pelas autoras e autores dos ensaios presentes no livro.

Cabe também assinalar a surpresa que nos causou perceber que o acervo bibliográfico e pessoal de Penteado encontra-se dividido e sob a guarda de dois diferentes órgãos. Uma parte foi emprestada pelos parentes à Flávio Luizetto na década de 1980, material que subsidiou a produção de trabalhos acadêmicos na área da história, e que encontra-se depositado na Unidade Especial de Informação e Memória da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) sob o nome Coleção João Penteado, composta por 1.792 livros e 69 títulos de periódicos, além de documentação pessoal, como cadernos e diários. Esse material não teve o mesmo tratamento nem a mesma difusão daquele hoje depositado no Arquivo João Penteado do CME/USP. Quando a pesquisadora do CME, e hoje doutora em educação e professora universitária, Tatiana da Silva Calsavara realizava seu mestrado conseguiu estabelecer contato com parentes de João Penteado e em 2005 localizou, assim, uma grande quantidade de materiais e documentos da Escola Saldanha Marinho guardados por eles. A família oficializou a doação e cedeu autorização para depósito e disponibilização do material ao CME. Por circunstâncias temporais e institucionais não acreditamos que seja possível a devolução – mesmo que outrora necessária - da coleção depositada na UFSCar aos parentes, mas uma futura unificação dos arquivos, tratamento, catalogação e ampliação de sua disponibilidade é mais do que desejável.

Vale lembrar que o movimento anarquista sempre sofreu intensa e constante repressão policial e administrativa sob qualquer regime político ou estado de direito. Tanto

crystalinas ditaduras como a mais democrática república elegeram os anarquistas como alvo, tornando-os “inimigos da ordem” através de mentiras, mistificações e montagens judiciais. Sendo assim, boa parte dos projetos, práticas e organizações libertárias deixaram de existir pela violência. Logo, não é muito difícil imaginar o destino dos materiais (livros, jornais, cartas, atas, cadernos, diários, móveis, etc) reunidos pelos militantes e trabalhadores simpatizantes: foram apreendidos em batidas policiais realizadas em sindicatos, escolas e até residências e, posteriormente, a grande maioria foi destruída (em geral incinerada) por ordem das autoridades judiciais e administrativas de diferentes instâncias. Os operários tiravam de seu próprio sustento diário para apoiar iniciativas sindicais ou educacionais libertárias, sendo os verdadeiros alicerces dos arquivos anarquistas que sobreviveram, foram constantemente expropriados de sua história pelas mãos do estado. Parte importante da “história dos vencedores” é eliminar os resquícios da versão dos “vencidos”. O resgate da memória é muito difícil, pois ao carregarem o estigma de anarquistas muitos ex-alunos, membros de sindicatos ou mesmo parentes de militantes preferiam “esquecer” de sua história para sobreviver aos cruentos períodos de ditaduras e repressão ao anarquismo ocorridos em muitos países ao longo do século XX. O corpo de leis e seu aparato fiscalizador e burocrático, com seus ministérios e secretarias, ajudaram em muito a impossibilitar a plena realização de experimentos anarquistas, sob pena de fechamento por não se adequar às rígidas estruturas e normatizações seja no campo educacional ou da organização sindical.

Alguns exemplares desses materiais “perdidos” podem ser encontrados, por incrível que pareça, somente em arquivos policiais como os do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) ou seus correspondentes em outros países e em arquivos de cunho policial-judicial. Anotações em prontuários policiais e processos judiciais dão conta da existência – e posterior apreensão e destruição – de documentos que hoje estão completamente desaparecidos, justamente por conta da ação do estado. Exemplos emblemáticos são coleções e tiragens inteiras de jornais anarquistas incinerados pelo DEOPS na década de 1940 em São Paulo e grande parte dos livros e materiais da Escola Moderna de Barcelona confiscados pela coroa espanhola entre 1906 e 1909, ano em que Francisco Ferrer foi fuzilado. Além, é claro, da destruição *in loco* realizada por forças militares ou fascistas ao atacar e destruir ateneus, espaços anarquistas, redação de periódicos de esquerda e sindicatos livres. Seguimos perguntando onde estarão os acervos de militantes e educadores como Adelino de Pinho e Florentino de Carvalho, ambos também diretores de Escolas Modernas em São Paulo. E os documentos e materiais da Escola Moderna Nº3 em São Caetano do Sul,

vinculada ao Sindicato de Resistência dos Laminadores... onde estarão?

Nesse panorama ganha extrema importância a preservação de materiais e documentos anarquistas. Se hoje é possível termos acesso a uma gama de fontes materiais, sejam elas depositadas em instituições públicas estatais ou em arquivos autônomos mantidos por coletivos libertários, foi tão somente graças aos esforços dos próprios militantes em coletar, preservar e, acima de tudo, proteger seus documentos. Proteger a sua memória e escrever sua própria história: esse foi o espírito que moveu um sem número de homens e mulheres anônimos a guardarem panfletos, cartazes e jornais “perigosos” em suas casas, a organizarem bibliotecas e centros de cultura ou esconderem documentos “suspeitos” das forças policiais. Alguns exemplos conhecidos no Brasil são: Edgard Leuenroth, Jaime Cubero, Antonio Martinez, Edgar Rodrigues, Astrogildo Pereira e, é claro, João Penteadó. O trabalho e esforço de cada um deles deu origem nos dias de hoje a um arquivo ou centro de memória abertos para o público em geral. Iniciativas contemporâneas como o Centro de Cultura Social (SP), a Biblioteca Social Fábio Luz (RJ), a Biblioteca Carlo Aldegheri (Guarujá/SP) e a Biblioteca Terra Livre (SP) que mantêm e renovam a luta pela memória e história do anarquismo, em que pese a continuidade da repressão e as tentativas dos governos em eliminar as lutas autônomas e apagar os traços da memória do anarquismo. Ataques esse tão bem ilustrados pelas recentes batidas policiais realizadas contra o Ateneu Libertário A Batalha da Várzea, sede da Federação Anarquista Gaúcha em Porto Alegre, pelos governos de Yeda Crusius (2009) e Tarso Genro (2013), resultando na apreensão de vários livros “perigosos”, dentre eles o título *Os Anarquistas no Rio Grande do Sul*, excelente compilação de biografia de autoria de João Batista Marçal. O livro foi editado com apoio da Secretaria de Cultura de Porto Alegre no ano de 1995, justo no período em que Tarso Genro (na época, governador) era prefeito. Há mais de 100 anos as ameaças aos arquivos anarquistas segue sendo a mesma.

Por todas estas questões, acreditamos que é extremamente salutar a criação do Arquivo João Penteadó, sua disponibilização no CME/USP e em especial sua difusão através do livro *Educação Libertária no Brasil*. Rendemos agradecimentos aos envolvidos – em especial às professoras Carmen Sylvia Vidigal Moraes (organizadora da obra) e Doris Accioly e Silva e às pesquisadoras Tatiana da Silva Calsavara e Luciana Eliza dos Santos - que tornaram público esse arquivo único, raro e de suma importância para a preservação do

patrimônio guardado por anos por João Penteadado e construído com a solidariedade de trabalhadores e trabalhadoras interessadas numa educação renovadora e libertária. João Penteadado deixa as sombras em que a pedagogia oficial o destinou e sai das páginas policiais para adentrar de vez e inequivocadamente para a história da educação no Brasil.